



Cristovam aposta no segundo turno e impõe condições a Abadia

Cristovam diz que Maria Abadia está abandonada

O candidato do PT ao governo, professor Cristovam Buarque, disse ontem que a deputada tucana Maria de Lourdes Abadia "foi abandonada pelo PSDB, com o apoio de Fernando Henrique Cardoso a Valmir Campelo". Com relação a eventuais apoios à candidata da coligação Brasília de Mãos Dadas, no segundo turno, Cristovam salientou "a gente só fará alianças, se a Abadia adotar nosso discurso".

O candidato da Frente Brasília Popular disse que a candidatura de Maria de Lourdes Abadia é o "instrumento" que levará à realização do segundo turno das eleições no DF. "Nós certamente queremos os votos da Abadia, mas vamos brigar mesmo é pelos votos de Campelo no segundo turno, os votos dos iludidos dos assentamentos com os discursos populistas do senador", disse Cristovam, adiantando que alimenta as esperanças de que o senador Maurício Corrêa apóie a sua candidatura.

Outra estratégia da Frente para o eventual segundo turno será a participação dos deputados federais e distritais já eleitos na campanha. "Os eleitos participarão criando fatos, organizando agendas, partici-

pando no corpo a corpo e ajudando na elaboração do plano de governo", informou Cristovam.

Animado com a possível perspectiva de disputar o segundo turno das eleições, Cristovam Buarque admitiu ontem que sua estratégia durante todo o primeiro turno foi se firmar como o candidato "anti-Roriz" perante a população. Enquanto esperava a chegada de Lula para a carreata petista, Cristovam afirmou que "agora, no segundo turno, nós vamos nos concentrar na proposta de governo".

Cristovam lamentou os equívocos cometidos pela cúpula petista durante a campanha. Falhas que, segundo ele, teriam resultado na demora da militância em ir às ruas. "Houve falhas de organização, mas a militância esteve sempre presente", disse ele, acrescentando que "o PT também tentou ampliar novas bases e não conseguiu seduzi-las, ao tempo em que perdeu terreno entre as já firmadas". Atividades como a ida de Lula à Fiesp ou a Nova Iorque, para conversar com banqueiros, segundo Cristovam, provocaram "ciúmes" da militância. "Houve um descompasso", concluiu.